

## FICHA CATALOGRÁFICA

GADOTTI, Mário. *História Oral nos bairros (Rodeio)*, nº1. Entrevista realizada por Gabriel Dalmolin. Rodeio, 06 de abril de 2022.

## FICHA ENTREVISTA

**Entrevistado:** Mário Gadotti (M.G.)  
**Morador do bairro:** Diamante (Rodeio)  
**Natural do bairro:** Diamante (Rodeio)  
**Idade:** 95 anos  
**Ocupação:** Agricultor Aposentado  
**Data da entrevista:** 06 de abril de 2022  
**Data da transcrição:** 25 de maio de 2023  
**Nº da entrevista:** 01  
**Entrevistador:** Gabriel Dalmolin (G.D.)  
**Local da Entrevista:** Residência de Mário Gadotti, bairro Diamante, Rodeio/SC



## ENTREVISTA

**G.D. - Boa tarde, Seu Mário.**

**M.G. - Boa tarde!**

**G.D. - Qual a origem da família Gadotti aqui em Diamante?**

**M.G.-** O pai sempre contava que quando eles chegaram no navio, era tocado à vela. Era três dias pra frente e um dia ou dois pra trás, conforme o vento... Chegaram no dia 9 de fevereiro aqui, às 9 horas da manhã. Nesse dia era comemorado lá na Itália o dia de Santa Apolônia e eles tinham trazido junto um quadro da santa. Eles levaram, botaram em cima de um cepo. Levavam tudo, tinham revólver, facão, enxadinha. Cortaram um pauzinho, colocaram em cima e derma uns tiros como se estivessem festejando o dia de Santa Apolônia. Aqui era tudo banhado. [...] Eles tinham medo das jararaca, diz que tinha jiboia aí da grossura de um palmito. Não tinham medo do tigre, porque

o tigre vinha ali cheirava, dava uns berrinhos só... Eles chamavam de "gato" ... "ei gatoni" (os gatões, em dialeto trentino). Diz que vinha anta e veado ao redor cheirar no terreno. Cortavam folha de gaité e de palmito para botar em cima das casas e o assoalho da altura de 1,5 metro ou 2 metros do chão. E aqui em cima no pasto tinha os índios, eu tinha três flechas. E finalmente, no Diamante tinha umas quatro famílias (Gadotti, Beber, Prada...) aí tinha ali fora os Fronza que chamavam de "cinciòti" (por causa de Giacinto Fronza). E tinha lá em cima onde tem os Tessarollo a velha Guse, que era da Alemanha. O *nòno* Gadotti tinha 9 filhos.

### **G.D. - E a igreja do Diamante?**

M.G.- Antigamente a igreja era uma capelinha de madeira! Ficava ali em cima na picada, onde tem o Dodo (chacreiro da família Beber) e o terreno do Ari Franz. Era uma igreja pequeninha de madeira, eu me lembro. Eu lembro que quando tinha a festa, era cheio de curvas, e dai botavam tudo uns taquarão fincado, botavam palmito e umas velas. E depois fizeram a igreja ali onde ela tá agora. Acontece que eu entrei (na diretoria da igreja) eu tinha 16 anos e Frei Bruno ele vinha sempre pro Diamante e pegou nossa turma para ser da direção. Aí na nossa época "pegaram de reclamar" que a igreja era pequena. E as famílias eram grandes. Desmanchamos a velha em 1940 e acabamos a atual como tá ali hoje em 1949. Antigamente era só a festa e mais nada. Missa e só. Depois fizemos a escola para as Catequistas aqui em baixo onde é o salão. E pro Frei Bruno fizemos em cima (sótão da igreja), ele tinha o quartinho e ficava lá três dias. Frei Bruno gostava do Diamante, ele dizia que queria ser enterrado aqui. Depois ali onde é da Cecília Franz, nós fizemos outra escola. A prefeitura deu o chão e nós fizemos a escola.

### **G.D. - E as Irmãs Catequistas em Diamante?**

M.G.- Aconteceu uma vez das irmãs catequistas virem pra Diamante naquelas *ràgna* (carroça de duas rodas) puxada a cavalo, o breque quebrou na descida da picada e elas foram parar no valo e no banhado. Foram os

Giovanella socorrer. Aí elas reclamaram, disseram que só vinham ainda se comprasse um carro... E nós não tínhamos como comprar um carro para elas. Não vieram mais! (risos). Eu fiquei 40 e poucos anos na diretoria...

**G.D. - E quanto aos freis que atuavam aqui?**

M.G.- Vinha o Frei Bruno aqui, junto com o Frei Taciano, o Frei Ladislau...ou senão o Frei Hugolino. O Taciano era meio vesgo. E o Hugolino era meio rigoroso assim. Eu era o único da diretoria que ia sempre com eles. Ficavam 3 dias por aqui. E sempre ele (Frei Bruno) me dizia que quando ele morresse gostaria de ficar aqui e é por isso que tem o busto dele em Diamante.

**G.D. - E como era sua relação com Frei Bruno Linden?**

M.G.- Acontece que o Frei Bruno ele só falava em *talian* conosco. Veio a proibição, não sei se te lembra. *E sol parlea talian, sol parlea talian. Ei dizea, "varda che te mena em presón!"*<sup>1</sup>. Quando via *ei matelòti* (as crianças) chamava de "*che bel faciuri*", que "belas crianças" (*pòpi*). O Angelo Sardagna era delegado, tinha também o Mário Locatelli e o Alfredo Dalfovo, eram inspetores, coletores essas coisas ali de polícia. Foram atrás dele para prendê-lo! O próprio Frei Bruno! Ele me contou! E depois disso ele foi embora, morreu lá em Joaçaba depois. Ele vinha aqui em casa, comia, se sentava ali naquela *carega* [aponta para a cadeira antiga de sua casa]. *El Frei Hugolina magnea come en dotori!*<sup>2</sup> E o Santo Bruno, vinha aqui tomava café, almoçava. Era meu companheiro! Ele me dizia assim... que as estradas como estavam em pouco tempo não serviriam mais, que as casas teriam de ter tudo estrutura de aço e ferro. *Che ven el dì che la mama cópa la fiola e la fiola cópa la mama*<sup>3</sup>, *el papa cópa el fiol, el fiol cópa el papa*. Depois viria a epidemia. E veio! (risos)<sup>4</sup>. Fraca, para ver se o povo melhora, se não melhorar, vem outra "mais grossa". Pode esperar!

<sup>1</sup> Escrito em dialeto trentino. Em português significa "E só falava italiano, só falava italiano. E diziam, "olha que vão te prender!"

<sup>2</sup> Tradução: "O Frei Hugolino comia como um médico/doutor".

<sup>3</sup> Tradução: "Que virá o dia que a mãe mata a filha e a filha mata a mãe, o pai mata o filho, o filho mata o pai".

<sup>4</sup> Se referindo a pandemia do covid-19.

**G.D. – E o senhor chegou a testemunhar algum milagre de Frei Bruno?**

M.G.– Me contaram. O Hilário Berri, ali do Rodeio 50, ele tinha indústria de arado (*ei piofi*). Ele contou que numa festa da Abissínia (Rodeio 32), e ele tinha o jeep. Naquele tempo só quem tinha jeep era ele (Hilário Berri), o Xilio (Sílvio) Pegoretti e o Velho Scoz (Sílvio Scoz). Só, dois ou três. Ele sai, faltava uns 20 minutos pra missa começar e encontrou o Frei Bruno vindo a pé. Então insistiu para que o frei viesse de carona com ele, mas ele não aceitou. O Berri seguiu e quando chegou lá em cima na missa, o Frei Bruno já estava lá fazendo a “prática”. [...] Eu tenho muita fé em Frei Bruno.

**G.D. – Tem alguma história das benzeduras de Frei Bruno?**

M.G.– Sim, ele vinha e benzia com os braços os temporais. Passavam que era um já! Uma vez também estava eu, Frei Bruno e Frei Hugolino fomos até lá em cima no João Ochner, passava o “Esquivado”, bem no final do Diamante com o Pic (Diamantina – Pico). Era calor de morrer! E tinha dois vizinhos lá em cima que tinham uma encrenca de 16 anos, por causa de um porco! Frei Bruno reuniu eles e lá de cima do pasto tinha uma porca macau que fuçava, aí o Frei Bruno disse “não é teu vizinho que faz mal pros porcos, sou eu”, ele pegou e bateu as mãos assim [ensaiou uma palmada no ar] e a porca saiu correndo longe até lá no Pandini... Dali em diante os dois vizinhos viraram grandes amigos!

**G.D. – E por que chamam essa localidade de “Esquivado” ou “Estivado”?**

M.G.– Esquivado porque era desertado bem dizer, passava só cavalo. Lugar meio desprezado. Que nem a picada ali, era feita só de a pé. A primeira picada é essa reta que sai lá no Merini, tinha que ir por lá para ir pra Rodeio. Na época do Sílvio Scoz que foi aberta essa outra picada ali (perto da igreja).

**G.D. – E por que chamam o lugar de Diamante?**

M.G.– O diamante? Duas três vezes eu vi esse diamante! Uma vez fomos pescar lá no Tóni Zermiani, tinha aquele ribeirão que vem do Pico. Era noite

já, e os peixes vinham tudo pra cima, comiam “em pé”. Lá naquela areia do ribeirão tinha uma pedra que brilhava, ai eu dizia pro meu irmão Gusto “olha que é um diamante!” e ele viu e achou que era um fantasma! Um fantasma... aí voltamos pra casa. Outra vez, eu tava roçando com o zenzo e bati numa coisa dura. Tirei o capim e pensei, agora vou tirar a pedra... E aonde tava a pedra? Não achava! Vim aqui, busquei a mulher, ela de cima e eu de baixo, procurar essa pedra e nada. Eu disse, que talvez era um tesouro. Dito e feito! Quando chegou na boca da noite, a Natalina (filha) começou a chamar “corre pai se tu quer ver uma coisa bonita!”. E tinha uma luz! Fui até lá na estrada perto de uma bananeira, uns 20 metros, até que sumiu. Sabe que devia ser um diamante? Diamante é uma coisa levada... [...] Diz que aquele passarinho picuá ele leva o diamante no ninho, nós caçava antigamente e procurava, mas nunca encontramos. E teve uma vez, quando ainda tinha minha *nonna* e ela me chamou pra olhar pra fora de noite e tinha como se fosse um farol perto do arado. Ai eu disse pra *nonna* que devia ser um diamante, que tinha que chamar o pai para ir lá ver, e ela disse que não. Não me deixou ir ver. Dizia que era coisa de outro mundo... Antigamente nós nos reuníamos na novena, era nove dias antes da festa, se levava bonican e coisa e contávamos essas histórias.

#### **G.D. - Mas por que o lugar se chama Diamante?**

M.G.- Diz que tinha a velha Cunha, mãe do Leopoldo Cunha. Ela era negra e trabalhava como parteira. Ela me viu um dia e disse que queria contar um “causo”. Mário aconteceu um causo comigo essa noite. Veio uma mulher aqui de noite e eu pedi “o que você quer?” e ela olhou para a velha Cunha e disse “a senhora está com a sorte e não sabe aproveitá-la”. A Cunha ficou meio assim e ai pediu se a senhorinha queria pousar lá aquela noite e ela concordou. Aí apagaram a luz para dormir e olham para fora da casa e vinha uma outra luz que vinha para dentro e para fora. E era um diamante!

**G.D. – Quando o senhor era pequeno o senhor foi para a escola? Quem eram as professoras?**

M.G.- Até o quarto ano. As professoras eram as freiras. Tinha a irmã Bernardina, a Melânia também. Tinha uma também que quase matou o Luigi Fronza. Tinham feito uma régua de mata junta cheio de preguinhos e um dia fecharam o Igi dentro da salinha e começaram “patatin-pataton” com aquela régua nele e ele berrando e chorando. Aí tinha uns Debarba (Raulino e Leandro) que eram valentes e mais altos que nós que viram que iam “matar” ele, o Raulino meteu os pés [na porta] e o Igi saiu correndo para casa. Daqui há pouco veio o Joaquim e a esposa (pais do Luigi), falar com as freiras... As freiras botavam as crianças no castigo, ajoelhado nos grãos de milho. Teve uma vez que o Raulino Debarba pegou aquela tabela (lousa) e deu na cabeça da freira! No outro dia veio o pai dele, que veio da Itália, moravam do outro lado do rio em Ascurra (Ilse) conversar com as freiras.

**G.D. – E as aulas eram em português ou italiano ainda?**

M.G.- Em português.

**G.D. – Quando a língua estrangeira foi proibida o senhor estava na escola ainda?**

M.G.- Sabe que eu não me lembro... Mas eu acho que sim, eu já estava no final da escola (3º ou 4º ano). Eu sei que veio a polícia lá em casa, o pai espiava e eles (polícia) ao redor da casa com as armas e o pai falou pra mãe “*parlém bàss*” (“falem baixo”, em dialeto trentino). Fizeram coisa naquele tempo que só Deus pode saber! Foram lá no João Bauer ali em Rio Morto, ali onde tem construção de lajota (dos Strey). Ele tinha um engenho de fazer melado, alambique sabe, fazia cachaça... Foram lá em quatro policiais porque ele tinha falado em alemão, pegaram ele, arrancaram a camisa, arrancaram a calça e deixaram só a cueca! Dois policiais pegaram pelo braço e dois pela perna e ficavam balançando ele e diziam de jogar ele nos pés de pinheiro de araucária que ele tinha. Aí um dizia que ia ficar com o engenho, outro queria as vacas e não sei o quê. Judiaram dele, deixaram o João (Bauer) todo arranhado. Depois

mais tarde veio a festa de São José, tinha o João Bauer, o Bruno Franz, o Egon Franz, foi lá a polícia deixaram eles nu! Sem camisa e sem nada e deram um pau nos quatro.

**G.D. - E aqui no Diamante teve algum caso de gente que foi presa?**

M.G.- Não, aqui não teve nenhum. Mas eu lembro que naquele tempo da língua proibida o que eles fizeram... Eles mandavam a polícia ao redor das casas escutar se falava em outra língua, levavam pra cadeia.

**G.D. - E na época da Guerra. O senhor lembra de notícias que saíram ou algum acontecimento marcante?**

M.G.- Tinha um tal de João dos Passos, era filho do Amaro. Tinha os filhos o João, o Pedro, o Domingos. O pai ajudou a criar do João. E dai fizeram uma sacanagem uma vez, tinha os Prada e os Weber (ou Beber?) envolvido, botaram o Manoel (Prada) em cima do cavalo, botaram uma capa e bandeira na mão e ele vinha pra dentro. E o João dos Passos ia na frente como um general. Bom, o pai viu de longe saiu correndo, ele passou pela cerca ficou preso o paletó na cerca e veio pra casa assustado. Pegaram os bois e esconderam no capoeirão, com medo que levassem. Outro levou o cavalo até o Pico. Teve um que se escondeu dentro de um forno! Isso tudo é por que, vou te contar, um tempo antes teve uma tropa que vinha do outro lado do rio e berravam pro lado de cá. Vinham até ali onde mora o Nísio Gadotti que era onde tinha a balsa pra cruzar o rio. E o balseiro se escondeu e não conseguiram cruzar. Foram pra baixo até Warnow (Indaial) e lá fizeram o *tedèò!*<sup>5</sup> Era revolta, caro! Te passavam o facão!

**G.D. - E na época da Revolução Constitucionalista (1932)? Lembra de algo?**

M.G.- O tio Ângelo (Gadotti) ele ficou 2 anos lá na revolução, que tinham dado o golpe de estado. Envolvia o Rio Grande do Sul, Santa Catarina...Ele morava aqui na Diamantina. Eu não lembro a idade que eu tinha naquele tempo. O tio Ângelo era carregador de munição dos sargentos. Aí lá no meio

---

<sup>5</sup> Expressão usada em dialeto trentino para quando “acaba com tudo”, “fizeram a limpa”, sinônimo de destruição.

da batalha acabou a munição e decretaram “arma branca”, então se botaram na trincheira 900 paulistas contra 700 catarinenses e gaúchos, e os do Sul ganharam. Era lá em Itararé (São Paulo).

**G.D. - E o senhor lembra dos tropeiros que vinham da Serra?**

M.G.- Sim, os tropeiros. Vendiam queijo campeiro. Paravam lá em casa, no pai. Eles vinham aqui dentro [no Diamante] e soltavam o gado aqui nos pastos, duas vezes soltaram lá em casa, tinha 60 e poucas cabeças. E cavalo... o pai domava cavalo, eu o ajudava. Fazíamos 18, 20 balaio de trato para dar de comer pros bois, cavalos e porcos.

**G.D. - E como era trabalhar no mato?**

M.G.- Uma vez pegamos uma cobra jararaca de 3 metros, capturamos no lacinho e trouxemos num balaio, eu e meus irmãos. Aí tinha os padres lá de Ascurra que diz que compravam né?! Me pensei de vender e ganhar uns trocos pra ir viajar pra São Paulo... Aí peguei a carroça e fui lá pra Ascurra, cheguei lá os cavalos tudo suado, passei o sabugo pra tirar aquela espuma de suor dos cavalos e deixei eles no rancho. Falei pro padre que tinha uma jararaca grande e pedi se ele comprava. O padre me fez entrar, tinha uma mesa cheio de pacote e cartas, parecia de baralho. Aí o padre me pediu : “tu gosta de santo?”. Eu disse que sim, aí ele pediu para escolher um. Então eu peguei o São Jorge, aquele que enforca o dragão. Aí eu disse e pro meu irmão? Ele me deu pra escolher, peguei o Dom Bosco. Daí eu pedi pro padre e quanto a jararaca, quanto ia me dar. Ele respondeu “tá pago!”. Mas pagou com o quê? “Com o santo”, ele respondeu. (Risos). Voltando pra casa, ainda perdi os ferros atrás. Cheguei em casa, meu irmão esperando. Entreguei pra ele o santinho, ele jogou em qualquer lado e disse “e cadê o dinheiro?” e eu “tá ali (apontando pro santinho). Aí ele se atracou pra cima de mim... (risos)

**G.D. - E como era o nome de seus pais?**

M.G.- Era “Gioàni” (Giovanni - João) Gadotti, apenas. Aí tinha lá fora na raia (margem esquerda do rio) tinha outro “Gioàni” Gadotti e esse outro comprou uma casa lá pra cima, de canela preta, uma fortuna. O pai ficou quase louco.



Depois souberam e veio esse outro Gadotti lá em casa e disse “stà mi comprar la casa” (fui eu comprar a casa), aí se acertaram no cartório e o pai mudou de nome, ficou João Batista Gadotti, que era o nome do meu *nonno* e o outro ficou só João Gadotti. Pra não dar mais confusão. E a minha mãe era Ema Pegoretti. Éramos em 10, seis rapazes e quatro moças. De vivo tem o Gusto que fez 100 anos, eu e a Mariòta que mora aqui atrás.

**G.D. - E o senhor foi Papai Noel por muitos anos na comunidade. Quando começou?**

M.G.- Fui Papai Noel por 80 e poucos anos. Comecei com 11 anos, com um lençol. Mais pra frente peguei aquela camisa fina, depois a calça. Mais tarde a máscara, que foi difícil de conseguir. Depois peguei duas crianças, ia a pé até Rodeio entregar as balas. Depois pegamos de a cavalo uns anos, mais tarde ia de carroça, ia até no Rodeio 12. Passaram uns anos pegamos caminhão. Outro ano fomos em 26 tobatas, até lá na Hering (Gávea). Era uma festa!

**G.D. - E como surgiu a ideia?**

M.G.- No meu tempo nessa época de dezembro era a Santa Luzia (Santa Lucia). E a mãe dizia que bonito seria se um fizesse de *bambinel* (Menino Jesus). E eu era meio “arteiro”... Eu disse que ia fazer e eu fiz mesmo.

**G.D. - Acho que era isso, muito obrigado seu Mário pela entrevista e pela disponibilidade!**

M.G.- Por nada, obrigado!